

**NOVAS CARTAS PORTUGUESAS – DO FEMINISMO À LITERATURA, DA
LITERATURA AO FEMINISMO**
**NOVAS CARTAS PORTUGUESAS – FEMINISM TO LITERATURE, LITERATURE TO
FEMINISM**

Priscila Finger do Prado (UFSC)¹

RESUMO: Desde os anos 2000, pudemos observar, de maneira mais intensa, um movimento de recuperação de obras de autoria feminina nas literaturas portuguesa e brasileira. Antes disso, em 1972, uma obra de autoria feminina múltipla de Portugal propôs literariamente uma recuperação de autoras e de temas ligados a vida das mulheres, trata-se das *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. Nessas *Novas Cartas*, ao invés de compor um lamento de amor e abandono, como no mote escolhido das *Cartas portuguesas*, atribuídas a Mariana Alcoforado, as autoras buscam questionar a situação de opressão das mulheres, a fim de propor novas possibilidades. Por conta disso, é nosso interesse com este estudo apresentar a perspectiva da crítica feminista, para, depois, apontar a relevância social da publicação das NCP para a literatura e os feminismos portugueses, de modo a enxergar tal obra como um marco literário e feminista.

PALAVRAS-CHAVE: *Novas cartas portuguesas*; feminismos, literatura, crítica feminista, mulheres.

ABSTRACT: Since the 2000s, we can observe, in a deep way, a recuperation movement of women's books in brazilian and portuguese literature. Before that, in 1972, a book of women's write proposed a literary recuperation of authors and themes involving women's life. It's the case of *Novas Cartas Portuguesas*, by Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. In *Novas Cartas portuguesas*, instead to have a love and abandonment's lament, as *Cartas portuguesas*, by Mariana Alcoforado, the writers find to question women's oppressive situation, in a way of propose other possibilities. Because of that, it is our interest to present feminist critic's perspective to show social relevance of *Novas Cartas Portuguesas* to literature and feminism. We see in it a literary and feminist's monument.

KEY-WORDS: *Novas cartas portuguesas*; feminism, literature, feminist critique, women.

INTRODUÇÃO

Recentemente foram lançados no Brasil dois volumes de uma antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas, denominada *Ao raiar da aurora* (2022), organizados por Eduardo da Cruz, pela editora Liberars. A proposta acompanha todo um movimento de recuperação do trabalho de escritoras que foram relegadas ao esquecimento, não só em Portugal. Em iniciativa anterior (2013), Vanda Anastácio havia lançado *Uma antologia*

¹ Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (2007), Especialização em Literatura Brasileira pela Universidade Franciscana (2008), mestrado em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (2010) e doutorado em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente é professora no Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina. <http://lattes.cnpq.br/5085598935872596>

improvável – A escrita das mulheres (séc. XVI a XVIII), pela editora Relógio D'água. Um ano antes, a Quetzal editores lançava *Humilhação e Glória*, de Helena Vasconcelos. No Brasil, não tem sido diferente, depois do trabalho pioneiro de Zahidé Lupinacci Muzart, com os 3 volumes de *Escritoras brasileiras do século XIX* (2009), pela editora Mulheres; vieram os importantes trabalhos de Nelly Novaes Coelho, com *Dicionário crítico de escritoras brasileiras* (2002), pela Escrituras, e de Luiza Lobo, com *Guia de escritoras brasileiras* (2006), pela EdUERJ/Faperj.

Muitos dos nomes ali expostos sequer foram citados em antologias e historiografias tradicionais das literaturas brasileira e lusa. Autoras que, em vida, haviam conseguido certa popularidade, como Julia Lopes de Almeida, no Brasil, e Ana de Castro Osório, em Portugal, ganham nova oportunidade de serem lidas pelo público.

Antes disso, contudo, alguns trabalhos literários começaram a realizar uma espécie de retomada do trabalho de autoras importantes para a formação do sistema literário nacional, e este é o caso das *Novas Cartas Portuguesas* (1972), de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. As NCP retomam Mariana Alcoforado e suas cartas, como mote, referenciam outras escritoras, como Violante do Céu, Florbela Espanca, Fiamma Hasse Pais Brandão, Agustina Bessa-Luís e Maria Judithe de Carvalho, e retomam figuras históricas e/ou literárias femininas como Inês de Castro, D. Tareja, e a “Menina e Moça”, de Bernardim Ribeiro.

Nessas *Novas Cartas*, ao invés de compor um lamento de amor e abandono, como no mote escolhido, as autoras buscam questionar a situação de opressão das mulheres, a fim de propor novas possibilidades. Com os lugares de “clausura” e “desclausura”, as escritoras retomam temas e autores da tradição e lhe dão nova roupagem de questionamento e ruptura.

Além disso, a obra mobiliza concepções e temas feministas das diferentes ondas do movimento, tendo especial colaboração para a constituição de um movimento feminista português e internacional, como na sequência veremos.

Por conta disso, é nosso interesse com este estudo apresentar a perspectiva da crítica feminista, para, depois, apontar a relevância social da publicação das NCP para a literatura e os feminismos portugueses, de modo a enxergar tal obra como um marco literário e feminista.

1 - A CRÍTICA FEMINISTA

Segundo Lúcia Osana Zolin (2009), a crítica feminista é um dos diversos instrumentos de que se dispõe para ler e interpretar o texto literário atualmente. Sua origem remete aos anos

1970, com a publicação da tese de doutorado de Kate Millet, *Sexual politics*. A crítica feminista busca questionar a prática acadêmica patriarcal, a partir do estudo da representação da mulher na literatura dos mais diversos períodos, das obras literárias feitas por mulheres, bem como da possibilidade de ser escritora numa sociedade patriarcal: “A constatação de que a experiência da mulher como leitora e escritora é diferente da masculina implicou significativas mudanças no campo intelectual, marcadas pela quebra de paradigmas e pela descoberta de novos horizontes de expectativas” (Zolin, 2009, p.217).

A literatura não existe fora da sociedade. Assim, a conjuntura social tende a aparecer nas obras literárias de uma forma ou de outra. Conforme a leitura de Zolin, vários estudos têm demonstrado que há inquestionáveis correspondências entre sexo e poder, e que as personagens tendem a espelhar as relações de poder entre homem e mulher na sociedade em geral: “o estereótipo feminino negativo [...] constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher” (ZOLIN, 2009, p. 217).

Para desenvolver sua reflexão crítico-teórica, Lúcia Zolin apresenta primeiramente aspectos sobre “Os estudos de gênero e a literatura”, depois problematiza “A questão da mulher no século XIX”, que é decisiva, uma vez que é nesse momento que surge o feminismo como um movimento organizado, com as reivindicações principais do sufrágio feminino e das campanhas por igualdade legislativa. Zolin destaca ainda como importantes para o (futuro) desenvolvimento da crítica feminista “O feminismo de Virgínia Woolf”, “O feminismo existencialista de Simone de Beauvoir” e “O feminismo político de Kate Millet”, que é o “marco inicial” da crítica feminista. A obra de Millet “suplanta o aspecto puramente literário e, com aguçada consciência política, traz à tona discussões acerca da posição secundária ocupada pelas heroínas dos romances de autoria masculina, como também pelas escritoras e críticas literárias” (Zolin, 2009, p. 226). As causas da opressão feminina são discutidas à luz do conceito de patriarcado, a lei do pai, em que “o ser feminino é subordinado ao masculino ou tratado como um masculino inferior” (Zolin, 2009, p. 226).

Segundo a leitura que Zolin faz de Millet, a literatura é afetada pela política de força (entre masculino dominador e feminino subjugado), pois os “valores literários têm sido moldados pelo homem” (2009, p. 226). As discussões realizadas por Kate Millet fazem parte do que hoje se classifica como uma vertente mais tradicional da crítica feminista, sendo algumas das principais questões as que seguem: “que tipo de papéis as personagens femininas representam? Com que tipo de temas elas são associadas? Quais as pressuposições implícitas contidas num dado texto em relação ao(à) seu(sua) leitor(a)?” (Zolin, 2009, p. 226). Ao examinar as relações de gênero na representação de personagens femininas, a primeira vertente

da crítica feminista atenta para alguns estereótipos que, aparentando neutralidade, constroem sentidos positivos para o engendramento masculino e sentimentos negativos para o engendramento feminino, como o da “mulher sedutora e/ou perigosa e/ou imoral”, da “mulher como megera” e da “mulher-anjo e/ou indefesa e/ou incapaz e /ou impotente”.

Uma outra fase da crítica feminista seria a que não se preocuparia tanto com os textos masculinos, mas com a literatura produzidas por mulheres, a partir dos enfoques biológico, linguístico, psicanalítico e político-cultural. Esses quatro enfoques estão contidos, segundo Zolin (2009, p.228), em duas grandes vertentes da crítica feminista, a anglo-americana e a francesa, cujo eixo fundamental seria o da “investigação e contestação da estrutura patriarcal que sustenta o nosso sistema social” (Zolin, 2009, p.228). Aliás são essas duas vertentes que dão título aos próximos pontos da reflexão de Lúcia Zolin: “A crítica feminista anglo-americana” e “A crítica feminista francesa”. Os grandes nomes da crítica anglo-americana destacados por Zolin são Elaine Showalter, Sandra Gilbert e Susan Gubar, e da crítica francesa, Hélène Cixous e Julia Kristeva.

A crítica anglo-americana tem duas fontes de trabalho, segundo a divisão de Elaine Showalter citada por Zolin, a crítica feminista propriamente, cujo enfoque estaria na mulher como leitora (1. Análise dos estereótipos femininos da literatura canônica; 2. Análise do sexismo subjacente à crítica literária tradicional; 3. Análise da pouca representatividade da mulher na história literária); e a Ginocrítica, cujo enfoque estaria na mulher como escritora (1. Estudo da história, do estilo, dos temas, dos gêneros e da estrutura dos textos literários de autoria feminina; 2. Estudo da psicodinâmica da criatividade feminina; 3. Estudo da trajetória da carreira literária da mulher, tanto individual quanto coletiva; 4. Estudo da evolução e das leis da tradição literária de mulheres) (Zolin, 2009, p. 230).

Já a crítica feminista francesa não se detém explicitamente sobre o campo literário, como afirma Zolin (2009). A partir do trabalho das principais representantes, Júlia Kristeva e Hélène Cixous, a crítica feminista francesa busca identificar uma possível linguagem feminina, com estudos que se dão no campo da Linguística, da Semiótica e da Psicanálise. A perspectiva de estudo de Hélène Cixous tem suas bases no pensamento pós-estruturalista de Derrida e Lacan, especialmente com os conceitos de *différance* e de *imaginário*. Tendo em vista que o pensamento ocidental funciona a partir de oposições hierarquizadas, a oposição homem/mulher estaria presente em todos os tipos de oposições, de modo que uma *écriture féminine* seria, na leitura que Zolin faz de Cixous, uma escrita que subverteria a ordem falocêntrica e logocêntrica, a qual poderia ser desenvolvida tanto por homens quanto por mulheres. E a perspectiva de Julia Kristeva se baseia no argumento pós-estruturalista de Lacan. Por esse viés, Kristeva cria o

conceito de “sujeito em processo” para o estudo da escrita feminina, cujo enfoque seria a linguagem, estudada a partir da proposição de Lacan sobre o Real, o Simbólico e o Imaginário. Assim, se o Simbólico estaria comprometido com o polo masculino da cultura, seria necessário buscar um lugar no Imaginário para abarcar a escrita do “sujeito em processo”, e este lugar ganha o nome de Semiótico, segundo a leitura de Kristeva feita por Zolin (2009, p.231-234).

Então, Lúcia Zolin passa para os momentos finais de seu texto, que é quando aponta os pontos positivos e negativos das teorias apresentadas, “Problemas e novas perspectivas da crítica feminista: multiplicidade e heterogeneidade”, e apresenta a realidade da área de estudos no cenário brasileiro, “A crítica feminista no Brasil”, vinculando esses estudos especialmente aos grupos de estudos acadêmicos, surgidos nos anos 1980.

Todas essas reflexões são necessárias para pensar na especificidade e legitimidade das obras de autoria feminina, ao mesmo tempo em que se observa seu apagamento dentro da perspectiva “tradicional” de estudos da literatura que, como ponderou Harold Bloom, busca evidenciar o discurso do universal e do estético pela exclusão do político. Contudo, a escolha sobre o que se coloca em evidência deve ser vista como o que é, uma escolha, sulcada no terreno da cultura. Em uma cultura em que a mulher não tem visibilidade, não tem acesso aos espaços de decisão e poder, muitas vezes nem mesmo ao estudo e ao trabalho (e ao domínio do próprio corpo), qual seria o espaço a ela reservado para a expressão literária?

Essa questão é que torna importante o encontro da literatura com o feminismo, tema do livro de Rita Felski, *Literature after feminism* (2003). Felski se questiona sobre a forma como pode o feminismo ter mudado o modo como pensamos em literatura já no início de seu livro e logo destaca que esta foi a área de estudos que maior impacto trouxe para o ensino de literatura (2003, p. 4-5).

Todo crítico é, antes de tudo, um leitor, que carrega consigo crenças, valores e preconceitos, de modo que não é incomum encontrar relações entre sua percepção do mundo e a literatura. Segundo Felski, nem toda a literatura seria sobre ambiguidade ou ironia, nem sobre arquétipos míticos, nem sobre o trabalho do inconsciente, nem mesmo sobre o lugar do homem num universo sem deuses (2003, p.10), porém, esses são temas constantes no trabalho da crítica literária. Então, por que somente a crítica feminista receberia retaliações por fazer uma leitura interessada ou ideológica?

Em verdade, como afirma Felski, toda literatura é, em algum sentido, sobre gênero, já que trata de pessoas, tanto homens quanto mulheres (2003, p. 10). A autora também destaca que, embora o gênero não seja a única coisa que importa na literatura, ainda assim ele importa. Nenhum texto é uma ilha, ela afirma (Felski, 2003, p.13). O conceito de universalidade

historicamente esteve ligado a uma lógica masculina, que apresentava o feminino como um caso especial. Dessa forma, parece haver uma convicção de que não é possível juntar literatura e política, já que os críticos interessados em questões sociais não poderiam fazer justiça às demandas da arte (Felski, 2003, p.20).

Por conta disso, Rita Felski organiza seu estudo em quatro partes: leitores, autores, enredos e a questão do valor estético, as quais respondem a quatro questões: [1] como a crítica feminista mudou a forma de pensarmos sobre os leitores; [2] o enredo tem gênero?; [3] como as feministas têm falado de autoras?; [4] qual o papel do valor para a área de estudos do feminismo? Ao responder essas questões, Felski tem como objetivo mostrar como o feminismo mudou a forma como as pessoas pensam a literatura.

Na parte sobre as autoras, Felski destaca o trabalho da crítica feminista em recuperar o trabalho de escritoras esquecidas e de reler criticamente o trabalho de autoras já conhecidas como Emily Dickinson e Jane Austen (2003, p. 57). Nesse sentido, a crítica tem tido, de fato, um papel importante na forma como temos pensado a literatura, pois tem mostrado que a escolha de obras que ora estudamos não tem a ver só com sua excelência estética, mas também com um processo de seleção que tende a invisibilizar a escrita de mulheres. Além disso, muitas das autoras hoje reconhecidas o são, por conta do trabalho da crítica feminista em demonstrar seu trabalho, inclusive no caso de Virgínia Woolf (2003, p. 143).

Já na parte sobre valor, Felki (2003) destaca os critérios de avaliação comumente utilizados na análise literária, os quais se baseiam em uma lógica masculina, de modo que uma escrita sob outra lógica costuma ser mal valorada. Quando pensa na questão do valor do valor, Felski declara que relacionar a literatura à política não pode ser encarado como algo negativo, mas como um retorno a uma longa tradição de ver a arte conectada ao mundo, uma tradição somente interrompida pelo interlúdio do New criticism e da análise estruturalista.

Felski ainda destaca que valor significa hierarquia e que hierarquia significa patriarcado, e o cânone é nada mais do que uma lista de livros favoritos escolhidos por pessoas que leem muitos livros. Assim, a conclusão de Felki é de que a Literatura depois do feminismo é um campo expandido, e não um campo diminuído (2003, p.169). Isso permite que olhemos para nosso objeto de análise, as *Novas Cartas portuguesas*, por duas perspectivas: a da importância de sua publicação e o papel das autoras na tradição literária portuguesa; e a da importância da obra em si, formal e tematicamente, que permite um questionamento da sociedade e do próprio cânone literário português.

2 - *NOVAS CARTAS PORTUGUESAS*, A RELEVÂNCIA SOCIAL DE SUA PUBLICAÇÃO E OS FEMINISMOS PORTUGUESES

Em sua tese de doutorado, *Feminismos em Portugal*, Maria Manuela Tavares apresenta um estudo sobre a constituição dos diversos feminismos no cenário português, desde as manifestações mais insipientes até a formação do Movimento de Libertação das Mulheres, quando houve uma presença mais marcante do ideário feminista no país luso. Tavares destaca as *Novas Cartas Portuguesas* como um dos acontecimentos que influenciaram e até determinaram a década de 1970 em Portugal. As *NCP*, como sabemos, foram publicadas em 1972 e confiscadas pela PIDE. As autoras responderam a processo por tal obra, e esse processo criminal acabou por despertar um movimento de solidariedade feminista internacional “com repercussões nos feminismos em Portugal” (p.189). A obra das três Marias apresenta, pois, grande importância para a constituição dos movimentos feministas em Portugal, tanto pela escrita a três, sem que jamais se saiba quem é autora de cada texto que compõe o livro, quanto pela temática trabalhada, aliada à forma mesmo da obra, sobre o que comentaremos adiante.

Tavares apresenta as *NCP* desde sua gênese até seu processo de recepção dentro e fora do país. Em entrevista dada à Tavares, Maria Teresa Horta comenta que as *NCP* nasceram da reação à apreensão de seu livro *Minha senhora de mim*, juntamente com a relação com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, as quais ela conheceu devido ao seu trabalho como jornalista. A partir de encontros durante almoços em Lisboa, as três autoras pensaram no estrondo que seria uma obra assinada por três mulheres e se lançaram o desafio. Mariana Alcoforado surge como um modelo, uma mulher portuguesa que poderia representar a ousadia e a subversão da escrita feminina em espaço e tempo “inférteis” para tal. A freira seria recuperada, pois, para ganhar novos contornos de sentido na literatura e na cultura lusas.

Ainda segundo Tavares, embora hoje as *NCP* sejam objeto de estudo nas universidades, elas ficaram bastante tempo sem serem reeditadas. Parece que o interesse pela obra foi maior da parte do público internacional do que do português. O que não é de admirar, pois o mesmo aconteceu com a publicação das *Cartas portuguesas*, cujo interesse nacional foi bastante tardio, enquanto seu sucesso editorial fora de Portugal já estava de certo modo consolidado. Nesse ponto, fica evidente que não é interesse de Portugal se ver representado por mulheres que escrevem e que desafiam, de alguma forma, com sua escrita, as convenções sociais do país, ainda hoje bastante conservadoras.

Quanto ao papel da obra das autoras para o feminismo, Tavares destaca que, embora esta não tenha sido a intenção das autoras, conforme entrevista de Horta, as *NCP* são tidas como uma obra de referência para o Feminismo, ao lado das obras de referência de Simone de

Beauvoir, *O segundo sexo*, e de Virgínia Woolf, *Um teto todo seu*. O que coloca a obra nesse lugar é a forma como são apresentadas questões de denúncia sobre a opressão da mulher, especialmente no espaço privado, incluindo seu direito de decidir sobre seu corpo, mas também no espaço público, no que diz respeito aos limites que são dados à sua inserção social.

Para falar do papel das *NCP* para a problemática feminista, Tavares destaca os estudos de Maria de Lourdes Pintasilgo, Isabel Allegro de Magalhães, Ana Luísa Amaral, entre outras. A visão dessas autoras corrobora o papel de referência das *NCP* para os movimentos feministas.

O último ponto mencionado por Tavares sobre as *NCP*, antes de partir para outros desenvolvimentos do ideário feminista em Portugal, é a questão da consequência da publicação das *Novas Cartas* para o feminismo internacional, na forma de solidariedade feminista internacional. Enquanto Portugal vivia o salazarismo e, com ele, a privação de informações advindas do controle da mídia pelo Estado, as feministas de outras localidades conheciam a obra das autoras portuguesas, bem como a polêmica que a envolvia, e se mostravam solidárias para com o injusto processo contra as três Marias. Segundo Tavares, ainda que não haja muitos documentos em Portugal sobre o apoio de feministas de outros países às três escritoras portuguesas, é possível encontrar documentos em outras fontes, principalmente em França, sobre os vários atos de solidariedade, como cartas publicadas em jornais como o *New York Times*, o *Le Monde* e o *Politique Hebdo*. A polêmica também foi relatada na 1ª Conferência Feminista Internacional, em Cambridge:

Ainda em 1973, a 28 de junho, um outro artigo de Minda Bikmans, com o título “The first international feminist cause celebre? – The three faces of Maria”, refere que a brasileira Gilda Grillo e Faith Gillespie, que estavam a traduzir as *Novas Cartas Portuguesas* para inglês, estiveram na 1ª Conferência Feminista Internacional em Cambridge, no início de Junho onde se encontraram com Arlie Scott, uma feminista da Costa Oeste, tendo as três apresentado o caso da perseguição política às escritoras portuguesas na conferência que votou, por unanimidade, fazer deste caso a primeira acção feminista internacional. (Tavares, 2008, p.197).

O evento aconteceu em 1973, um ano após a publicação das *NCP*, que foi quando começou a perseguição das autoras pelo Estado e pela PIDE. A razão dessa caçada, pode-se dizer, é menos o teor “pornográfico” e “imoral” da obra do que o fato dessas “liberdades literárias” terem sido originadas de três mulheres. E essa questão parece ter sido entendida pelas feministas do mundo todo, que se solidarizaram com as autoras das *Novas Cartas*.

Ao lado de artigos jornalísticos e eventos em favor das três Marias, surgem abaixo – assinados, notícias e comunicados, sempre destacando o caráter de apoio às escritoras, por terem escrito um livro “feminista”, que denuncia a situação de opressão das mulheres, que

denuncia um sistema patriarcal abusivo e autoritário, mas, acima de tudo, por terem escrito um “bom livro” (2008, p.198).

Após a Revolução dos Cravos, ou seja, a queda do regime ditatorial sob o qual vivia Portugal, os artigos sobre o processo das *Novas Cartas* e sobre suas consequências continuaram. A principal consequência para o país teria sido a formação do Movimento de Libertação das Mulheres, o MLM. Assim, segundo Tavares (2008, p. 203), “a criação do MLM está ligada ao processo das *Novas Cartas Portuguesas e à solidariedade em torno das três escritoras.*”.

É interessante que, conforme afirma Tavares, mesmo as *NCP* tendo suscitado interesse internacional, o que contribuiu para a extensão do processo e o adiamento da condenação, a sociedade portuguesa pareceu demonstrar poucos avanços quanto às causas feministas. Alguns direitos são conquistados, como a igualdade de salários, por exemplo, mas a crença de que homens mereciam salários maiores por serem homens persistiu (2008, p. 203).

Também cabe apontar novamente que a recepção em Portugal foi bem mais tímida do que no exterior, e que a obra só passa a suscitar maior interesse bem depois da queda do regime salazarista, diante do sucesso das escritoras fora de Portugal. Parece que, para “essas coisas de mulheres”, o interesse virá somente quando a necessidade assim o obrigar, ou seja, especialmente quando a pressão social do público externo, que passa a conhecer e reverenciar o livro, “obriga” o português médio a também conhecê-lo e a buscar admirá-lo. De qualquer modo, hoje é impensável negar a importância das duas obras para a literatura e cultura portuguesas.

3 - AS NOVAS CARTAS PORTUGUESAS – DO FEMINISMO À LITERATURA, DA LITERATURA AO FEMINISMO

As *Novas Cartas Portuguesas* apresentam uma proposta para a literatura e uma proposta para o feminismo. Para a Literatura, é preciso revisar o que já foi feito, retomar estereótipos, investigar autores que não receberam a devida atenção, experimentar técnicas e tomar partido. Em vários momentos das *NCP*, o sujeito lírico se questiona: “Minhas irmãs: Mas o que pode a literatura? Ou antes: o que podem as palavras?”² E a questão tem a ver com a função da literatura, com a relação entre literatura e sociedade: se a literatura ajudou na manutenção de estereótipos, é possível que ajude também na desconstrução deles. A concepção de Literatura é

² Horta, Maria Teresa; Costa, Maria Velho Da; Barreno, Maria Isabel. *Novas Cartas Portuguesas* - Edição Anotada (Locais do Kindle 3334-3336). D. QUIXOTE. Edição do Kindle.

dada ao início do livro (“Pois que a literatura é uma longa carta...”), e a função da literatura é sugerida no decorrer dele: a literatura deve poder alguma coisa. Isso requer uma concepção de literatura que não exclua seu poder político, sua relação com a sociedade, mas que também não exclua seu poder estético de se compor a partir da tradição, sempre renovando-a.

Para o feminismo, várias questões são apresentadas também. Sobre a condição das mulheres, o referencial do feminismo tem se esforçado a nos mostrar que a condição da mulher na história tem sido de dominada. A situação de desigualdade entre homens e mulheres é já apresentada por Mary Wollstonecraft, já no século XVIII: “Não voltarei aos remotos anais da Antiguidade para traçar a história da mulher; é suficiente admitir que ela tem sido sempre ou uma escrava, ou uma déspota e assinalar que cada uma dessas situações retarda igualmente o progresso da razão” (2016, p.80).

Virgínia Woolf, no início do século XX, também é lúcida quanto à situação de dominação: “Por isso a enorme importância para o patriarcado de ter de conquistar, ter de governar, de achar que um grande número de pessoas, metade da raça humana, na verdade, é por natureza inferior. Deve ser realmente uma das principais fontes de seu poder.” (2014, p.53-54).

Mais tarde, Simone de Beauvoir destaca que o “problema da mulher sempre foi um problema de homens” (2009, p.193), já que “toda a história das mulheres foi feita pelos homens” (2009, p.193).

Contemporaneamente, Marcela Lagarde y de los Ríos, após pesquisa antropológica quantitativa realizada no México, chega à conclusão de que o que define a condição das mulheres no mundo patriarcal é a ideia de cativo, sendo que tal condição dificulta sua constituição como sujeitos por um processo de “impotência aprendida” (2005, p.36).

Nas *Novas Cartas portuguesas*, a condição da mulher está colocada pela ideia de “clausura”. A “Primeira Carta II” (14/3/71) apresenta a situação de clausura ligada ao feminino, detalhando o que seria esperado para as mulheres por parte da sociedade. Há um interlocutor masculino a quem o sujeito feminino apresenta aspectos do que é considerado vitória e derrota, dentro da perspectiva do relacionamento entre os gêneros.

A partir da “Primeira Carta II”, há uma mudança no foco do texto, e se parte para um caminho que não fora traçado pela freira Mariana, mas que foi possível por causa dela e de outras mulheres como ela que, de alguma forma, buscaram burlar suas clausuras, fossem elas quais fossem: “Mas tanto faz aqui ou em Beja a clausura, que a ela nos negamos, nos vamos de manso ou de arremesso súbito rasgando as vestes e montando a vida como se machos fôramos – dizem.”(p.27).

A ideia de clausura, notada desde Christine de Pisan e Mary Wollstonecraft, e descrita e comentada por Virgínia Woolf e Simone de Beauvoir, ganha forma também nas *Novas Cartas Portuguesas*, com senso histórico que permite uma tomada de atitude diversa por parte das mulheres, mas que valoriza a tomada de atitude das mulheres que as antecederam, a fim de demonstrar que essa submissão nunca foi de todo aceita, pacífica, o que seria uma forma de simplificar o problema da opressão, tal como se tenta fazer com o movimento negro.

Sobre as reivindicações dos feminismos para as mulheres, temos um processo. Primeiro, reivindica-se a possibilidade de estudo e trabalho. Faz parte dessa frente Mary Wollstonecraft, para quem a maior reivindicação deveria ser a da instrução das mulheres: “Fortaleça a mente feminina, expandindo-a, e haverá um fim à obediência cega” (2016, p.45). Depois a cidadania da vida política; mais tarde a independência financeira e a libertação sexual. Virgínia Woolf acredita que “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu” a fim de exercer sua cidadania, podendo, até mesmo, escrever ficção. Simone de Beauvoir também é categórica ao afirmar que a opressão feminina se dá no plano econômico, e não no sexual (2009, p.165). Além disso, destaca a questão cultural, pois segundo a filósofa “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 2009, p. 361), o que significa que existe um processo de violência simbólica que, a despeito de suas conquistas, mantém a mulher numa posição de menor poder.

O sujeito lírico das *N.C.P.* questiona ainda o papel sexual da mulher perante a sociedade (machista) – que nunca deve ser de recusa, uma vez que o homem se julga dono do seu corpo e do da mulher, como se a mulher fosse uma extensão de sua propriedade. Por isso é enfatizada a ideia de vingança, como um direito feminino, por todo um passado de silêncio e dominação, nem que, para isso, seja usado o mesmo corpo antes usado pelo homem, só que agora propositadamente: “Direito conquistamos, também, de escolher vingança, já que vingança se exerce no amor e amor nos é dado de uso: usar o amor com as ancas, as pernas longas que sabem, cumprem bem o exercício que se espera delas.” (1974, p.28).

O sujeito lírico das *Novas Cartas* destaca a conquista de direitos pelas mulheres, que não abarca toda a opressão vivida, daí que fica ainda uma necessidade de vingança, de tomada de partido, de consciência do seu corpo e de sua condição social, a fim de saber usar as próprias armas contra a opressão que segue. E, se sempre coube às mulheres o polo da emoção, mais do que o da razão, chega a hora de se utilizar dessa emoção que lhes cabe racionalmente, como forma de empoderamento. E esse empoderamento deve ser coletivo, com todas as mulheres solidárias entre si, ajudando-se no processo.

Contemporaneamente, são recorrentes as frentes que busca reverter problemas históricos na luta pelos direitos das mulheres, enfocando questões específicas para as mulheres negras, as

mulheres pobres, as mulheres terceiro-mundistas, as mulheres lésbicas, até o ponto de se exigir uma reformulação na maneira de fazer feminismo, com a revisão das categorizações entre masculino e feminino, para que não seja tolhido nenhum tipo de diferença. Marcela Lagarde y de los Ríos argumenta que a condição de cativo se dá de maneiras diversas, sendo cinco as principais “categorias”: mães-esposas, freiras, putas, presas e loucas. Cada uma a seu modo, essas categorias permitem a perpetuação do cativo feminino, o que dependeria de um processo cultural, de uma violência simbólica. Para Lagarde y de los Ríos (s.d), seria necessário todo um processo de construção de sororidade, a fim de que as mulheres pudessem construir novas possibilidades de ser e estar no mundo.

Sobre a abolição das dicotomias de sexo e gênero, Judith Butler (2015) apresenta uma nova proposta de sociedade, sem hierarquias de gênero, o que não pode acontecer com a estrutura de organização que ora rege homens e mulheres.

A grande proposta de desclausura, nessa perspectiva, é o questionamento da atual condição feminina, a fim de esboçar projetos que pusessem abaixo a estrutura que permite a hierarquia entre pessoas. Essa proposta de desclausura é também objetivo das *Novas Cartas Portuguesas*, cuja construção parte de uma proposta de sororidade e vingança, união de mulheres contra a opressão histórica a que sempre estiveram submetidas: “Só de nostalgias faremos uma irmandade e um convento, Sórora Mariana das cinco cartas. Só de vinganças, faremos um Outubro, um Maio, e novo mês para cobrir o calendário.”.

A ideia de irmandade contribui para compreender a relação entre mulheres hoje bastante em voga entre as feministas, tal como a descreveu Marcela Lagarde Y de los Ríos, em “Enemistad y sororidad: hacia una nueva cultura feminista” (s.d.). Nesse pequeno texto, que funciona como um manifesto de um feminismo atual, apresenta-se um questionamento não só da construção do feminino na sociedade, como também o questionamento de toda uma estrutura social que possibilita a opressão da mulher.

Entende-se que, se somos sempre “o outro”, é necessário que sejamos “outros” juntos, para termos mais força e podermos alcançar direitos e respeito na sociedade. E essa é, possivelmente, a proposta mais vanguardista das NCP em relação ao feminismo, a proposição de uma nova ordem, a proposição total da desclausura, que se daria a partir de uma grande rede de mulheres, uma irmandade, que facilitaria o processo de se vingar das clausuras vividas e de propor formas de desclausuras. E se essa irmandade é feita a partir de nostalgias com projetos de vingança, com a consolidação dessa irmandade, outros sentidos seriam possíveis. A questão levantada pelos sujeitos líricos das NCP é a de se manter vigilantes a todas as formas de clausura ainda existentes, a fim de que se possa forjar lutas contra elas.

Ao apresentarmos aspectos da crítica feminista, dos feminismos portugueses, intercalando-os com a proposta literária das Novas Cartas Portuguesas, era nosso interesse apontar a relevância social da publicação das NCP para a literatura e para o feminismo, de modo a enxergar tal obra como um marco literário e feminista.

REFERÊNCIAS

BARRENO, Maria Isabel et alii. **Novas cartas portuguesas**. 2. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

_____. **Novas cartas portuguesas**. Edição anotada. Ana Luísa Amaral (org.). Alfragide/ Portugal: Publicações Dom Quixote: 2010.

BEAVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Trad. de Sergio Meillet. São Paulo: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. **A cidade das damas**: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan. Estudo e tradução. Tese de Doutorado. UFPE/Letras, 2006. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=165841 Acesso em: 05/04/2022.

FELSKI, Rita. **Literature after feminism**. University of Chicago Press, 2003.

KLOBUCKA, Ana. **Mariana Alcoforado**: formação de um mito cultural. Lisboa: Imprensa Nacional, 2006.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres**. Madresposas, monjas, putas, presas y locas. Coyoacán: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. _____ . “Enemistad y sororidad: hacia una nueva cultura feminista”. S.d. Disponível em: <http://e-mujeres.net>.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo, 2016.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Recebido em: 17/11/2023

Aprovado em: 18/02/2023

Publicado em: 24/06/2024



10.29281/r.decifrar.2024.1a_11